

# Prevenção à asma reduz número de casos no DF

## Programa criado em 1999 beneficia até os cofres públicos

Cristina Fausta

Em Brasília, pelo menos 300 mil pessoas são vítimas da asma, uma inflamação crônica das vias aéreas. Os acometidos pelo mal sofrem com episódios de tosse, chiado e aperto no peito, além da dificuldade para respirar. Embora o senso comum acredite que o problema não é grave, vale destacar que a doença causa, em média, 2.500 mortes por ano no país. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), há 150 milhões de asmáticos em todo o mundo.

Diante dos números, foi criado no ano passado o Conselho de Programas de Asma e Rinite (Copar), formado por pneumologistas, alergistas e pediatras que atuam em todo o país. No Distrito Federal, há um programa específico para o atendimento da pessoa com asma. Implementado em 1999, o Programa de Atendimento ao Paciente com Asma é hoje uma referência nacional e é usado para convencer gestores da saúde pública das demais unidades da Federação de que é possível tratar a doença sem onerar os cofres públicos, como explica o pneumologista Mário Sérgio Nunes.

— Plantamos a árvore há nove anos e estamos colhendo os frutos. Em 2000, 4% das internações realizadas no DF eram de pacientes com asma; hoje, o percentual é de 1,33%. Essa redução significa que 900 leitos deixaram de ser ocupados por asmáticos. Em termos de gestão pública de recursos, isso é muito positivo. O Sistema Único de Saúde (SUS) gasta R\$ 436 por Autorização de Internação Hospitalar para o paciente com asma. Com a redução, há uma economia de quase R\$ 400 mil — comemora o pneumologista.

### O programa

O Programa de Atendimento ao Paciente com Asma, da Secretaria de Saúde, é referência em todo o país e é tido como exemplo para convencer gestores de outros estados a desenvolverem estratégias para reduzir o número de tratamento na rede pública.

Segundo Mário Sérgio, o primeiro passo importante dado no DF foi garantir o acesso ao medicamento adequado, hoje encontrado na Farmácia de Alto Custo e em todas as da rede, que ficam localizadas nos centros de saúde e hospitais regionais.

A segunda iniciativa foi encontrar na rede os profissionais dispostos a trabalhar pela redução e, em um terceiro momento, capacitá-los. Hoje, esses três pilares do programa estão firmes a ponto de os profissionais que estão à frente do trabalho pensarem em medidas futuras.

— Os resultados já nos permitem dar outros passos. Nossa intenção, agora, é capacitar os profissionais da atenção básica à

“

Em 2000, 4% das internações no DF eram de pacientes com asma. Hoje, esse percentual caiu para 1,33%. Isso significa que 900 leitos deixaram de ser ocupados por asmáticos

Mário Sérgio Nunes, pneumologista

“

Diferentemente do que pensa a população, o período de seca é bom para quem tem asma, bronquite e outras doenças alérgicas

Marta Guidacci, alergista

saúde e fazer um trabalho junto a comunidades para evitar a doença — adiantou o médico.

Mário Sérgio destacou que a doença não tem cura, embora haja controle. Segundo ele, ao aparecerem os primeiros sintomas, o paciente deve procurar tratamento adequado.

### Imunoterapia

Foi o que fez a servidora pública Larissa Garrido Benetti, 30 anos. Há quatro anos, ela optou pelo uso da vacina contra a asma, a imunoterapia. Iniciado o tratamento, seu organismo não desencadeou mais nenhuma crise. Ela escolheu esta alternativa como tratamento depois de passar por métodos medicamentosos que, na sua avaliação, só trouxeram solução paliativa.

O novo método deu certo, mas ainda assim, ela evita a toda prova situações de estresse e exposição a agentes que contribuem para crises asmáticas.

— No meu caso, a crise é desencadeada por uma série de fatores somáticos. As primeiras manifestações da doença apareceram quando eu ainda era criança. Depois, tive uma forte crise aos 16 anos, quando meus pais se separaram. Já na fase adulta, tive crises graves e, muitas vezes, fui parar no hospital, onde fazia nebulização com Berotec, medicamento que atua como broncodilatador. Hoje, aderi à vacina e estou bem, mas sempre vigilante, evitando, por exemplo, me expor à fumaça de cigarro — explica Larissa Garrido.



LARISSA GARRIDO — A servidora pública optou pela vacina para se livrar das crises de asma



### O MÉDICO MÁRIO SÉRGIO E PACIENTE

— De acordo com o especialista, é importante procurar tratamento adequado assim que os primeiros sintomas, como tosse, chiado no peito e dificuldade de respirar, comecem a aparecer

## Com as chuvas, crises são mais frequentes

Ao contrário do que a maioria das pessoas pode imaginar, o período de seca não contribui para a ocorrência de casos de asma. É agora, com o início das chuvas, que a situação costuma piorar, de acordo com a coordenadora do programa no DF, a alergista Marta Guidacci.

— Diferentemente do que pensa a população, o período de seca é bom para quem tem asma, bronquite e outras doenças alérgicas. O que já se observou é que no período de chuvas as crises asmáticas têm aumento significativo e, obviamente, o número de ocorrências nos hospitais aumenta — informou a alergista.

Segundo a médica, a maioria das pessoas desenvolve a doença ainda na infância.

— Oitenta e cinco por cento dos pacientes com pré-disposição para a asma a desenvolvem até os 5 anos de idade. Os outros 15% têm de ter pré-disposição e ainda estar em ambientes propícios, onde há ácaros, fungos, pólen, cheiros fortes, pêlos de animais ou fumaça — afirma.

A doença pode ser leve, moderada ou grave. No primeiro caso, o doente tem crises ocasionais. Já nos casos médios ou severos, os sintomas são semanais e podem até chegar a ser diários.

Cabe ressaltar que a asma anda de mãos dadas com a rinite, outra complicação que acomete as vias

superiores, com coriza, espirros frequentes, dor de cabeça e irritação contínua. A asma, além de fazer o peito chiar e causar tosse, ainda é responsável pela produção de um catarro branco e viscoso.

O primeiro passo para o diagnóstico correto é procurar um profissional especializado, segundo Marta Guidacci. Ela destaca que hoje há 26 centros de excelência distribuídos na rede pública de saúde. A gravidade é detectada por meio do exame espirometria, cujo resultado classifica o tipo de asma.

— É importante fazer o paciente entender que a asma não tem cura, mas o controle da doença significa qualidade de vida. Quando acomete crianças, por exemplo, além do sofrimento do doente, há ainda o transtorno familiar. No adulto, chega a comprometer o rendimento no trabalho — destacou a médica.

### Gravidade

De acordo com o Ministério da Saúde, cerca de oito brasileiros morrem, por dia, vítimas da asma, totalizando 2.500 mortes por ano. O pneumologista Mário Sérgio destacou que os casos mais graves transformam os sintomas e dificultam o diagnóstico, o que reafirma a importância de tratamento adequado desde o aparecimento dos sintomas.

— Há pessoas que se acostumam com os sintomas de tal maneira que não percebem que o problema se agravou. Há casos graves em que o chiado no peito dá lugar ao silêncio pulmonar e a falta de oxigenação no sangue, ocasionada pela dificuldade de respirar. Esses casos podem terminar em morte — alertou o médico.

Em um primeiro momento, a asma leve pode ser tratada com broncodilatadores. Já para os casos moderados ou graves é necessária a combinação de broncodilatadores e corticóides inalatórios. Há ainda casos mais severos para os quais só a vacina resolve.

### Natação e remo

O esporte é um aliado do tratamento, mas não precisa ser necessariamente a natação, adotada por muitos pacientes no combate à doença. Segundo a alergista Marta Guidacci, há estudos que comprovam que o remo é a melhor opção para o asmático.

— Recomendamos aos pacientes que eles façam o esporte que mais lhe agrade. Muitos optam pela natação. Mas o remo tem se mostrado a melhor modalidade, porque o paciente fica sobre uma superfície líquida, mas não dentro da água, e, ao mesmo tempo, trabalha toda a musculatura torácica — comentou a especialista. (C.F.)